



SUEITTI, Marco Antonio Guermandi. O culto ao corpo: a antropologia teológica e a cultura fitness. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. ISBN: 978-85-92509-33-0

*RAFAEL GUIMARÃES BOTELHO\**

## A dismorfia muscular sob a lente teológica

### À guisa de prolegômenos

Inicia-se este texto a partir da seguinte pergunta: o que motivou a resenha do livro “O culto ao corpo: a antropologia teológica e a cultura fitness”, de Marco Antonio Guermandi Sueitti? Afinal de contas, há inúmeros textos publicados nas últimas décadas sobre o tema “culto ao corpo”. Não obstante, o entrecruzamento entre a dismorfia muscular e a Antropologia Teológica confere à obra um altíssimo grau de originalidade, além de ampliar a abordagem da vigorexia para as lentes da Religião. Esta leitura particular realizada

por Sueitti congrega referenciais de diferentes áreas do conhecimento, como a Educação Física, a Teologia e a Filosofia, entre outras. A obra, no formato impresso, foi publicada em 2016, pela Fonte Editorial, editora sediada em São Paulo.

Um primeiro aspecto a ser mencionado, em termos de antecedentes, é que o presente livro foi gerado e edificado nas 69 páginas da dissertação de mestrado “O culto ao corpo e os transtornos da imagem corporal: a antropologia teológica frente aos desafios da cultura do corpo fisicamente perfeito” (Sueitti, 2015),

\* Rafael Guimarães Botelho é Doutor em Educação Física e Desportos: Didática e Desenvolvimento Profissional pela Universidade Autônoma de Barcelona. Pós-Doutorando pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-262X>. Contato: [botelhorafael@gmail.com](mailto:botelhorafael@gmail.com)

realizada no Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades EST.

Uma análise inicial dos elementos paratextuais, especificamente a contracapa, dá uma pista de parte do conteúdo da obra: a busca pelo corpo fisicamente perfeito ultrapassa o escopo da saúde e alcança a esfera patológica, alicerçada em questões puramente estéticas que se convertem no que se denomina dismorfia muscular, também conhecida como vigorexia. No entanto, a discussão não se cerceia neste aspecto, expande-se à Antropologia Teológica.

Tânia Mara Vieira Sampaio (2006, p. 66), no capítulo *Corpo ativo e religião*, esclarece: “A religião, seja para ser criticada, vivida, afirmada ou simplesmente conhecida, constitui um âmbito de conhecimento humano a ser considerado em nossos debates acadêmicos e científicos pela capacidade mobilizadora que lhe é característica”.

Outro elemento de motivação para esta análise crítica e circunstanciada foi a dificuldade para a aquisição deste livro. Ainda que pertença à categoria de literatura branca (Botelho; Oliveira, 2015), de ampla difusão em canais tradicionais de distribuição, a compra precisou ser realizada diretamente com a editora, já que a obra não está disponível em *sites* tradicionais de venda. Desta forma, considera-se que a presente resenha proporcionará maior divulgação da obra e das ideias do autor.

## **Análise estrutural do livro**

O livro em tela foi organizado em sete partes: (a) *Apresentação*; (b) *Prefácio*; (c) *Introdução*; (d) *Capítulo 1 – O culto ao corpo e os transtornos da percepção da imagem corporal*; (e) *Capítulo 2 – O dualismo no processo de profanação do corpo*; (f) *Capítulo 3 – A antropologia teológica no processo de santificação do corpo*; e (g) *Conclusão*. Estas partes foram consubstanciadas por 71 referências.

A *Apresentação* da obra foi realizada por André S. Musskopf, orientador da dissertação de mestrado de Sueitti. Suas quatro páginas mostram como a Religião pode oferecer um diferente caminho para abordar a cultura do corpo perfeito, sendo “[...] um território pouco explorado no campo da Teologia [...]” (Musskopf, 2016, p. 11), tarefa realizada pelo autor da obra.

O *Prefácio*, elaborado por seu professor, amigo e psicanalista Sérgio Máscoli, destaca o conhecimento e a inserção do próprio autor do livro no universo do culto ao corpo. Ademais, mostra como esta experiência de proximidade de Sueitti no mundo *fitness* facilitou a discussão do tema e a proposição do neologismo *somalatria*.

A *Introdução*, por sua vez, adentra o sistema que constitui a “cultura do corpo fisicamente perfeito”, construção apresentada por Sueitti (2016) ao longo do trabalho.

Discutindo o exercício físico, com foco na musculação, o autor recorda que, quando esta é usada tão somente para fins estéticos, pode gerar transtornos psicológicos em seus praticantes, a ponto de estes “[...] prestarem culto ao seu próprio corpo”. (p. 17). A partir de um bombardeio do mercado consumista que alimenta o mundo *fitness*, o autor formula uma questão fundamental: “Quais as contribuições que a antropologia teológica oferece frente aos danos ocasionados pela cultura do corpo fisicamente perfeito?” É a partir desta, e de outras perguntas sobre os danos e fundamentos da cultura do corpo fisicamente perfeito, que o trabalho se desenvolve. Ademais, e de forma esclarecedora, Sueitti (2016, p. 20) afirma que esta pesquisa foi gerada, também, a partir “[...] de uma motivação pessoal de quem já viveu ‘na pele’ os transtornos advindos da cultura do corpo fisicamente perfeito”.

O *Capítulo 1 – O culto ao corpo e os transtornos da percepção da imagem corporal* está, basicamente, dividido em duas partes. A primeira revisita autores que tratam dos transtornos de imagem corporal, especificamente a dismorfia muscular, além do papel do exercício físico nesse distúrbio. Ademais, realizou-se uma breve análise histórica acerca da utilização do termo dismorfia. A segunda faz referência ao neologismo “somalatria”, que “[...] é o resultado do aspecto religioso da soma da cultura do corpo fisicamente

perfeito com os transtornos da percepção da imagem corporal” (Sueitti, 2016, p. 31). O capítulo ainda inclui uma diferenciação entre as expressões “cultura do corpo perfeito” e “cultura do corpo fisicamente perfeito”. As questões discutidas nesta parte da obra são, indiscutivelmente, geradas a partir de uma concepção dualista de corpo, que é o tema central do próximo capítulo.

Por sua vez, o *Capítulo 2 – O dualismo no processo de profanação do corpo* analisa, do ponto de vista histórico e filosófico (menciona Pitágoras, Platão e Aristóteles), como o pensamento greco-romano influenciou, até os dias de hoje, o olhar sobre o corpo. A concepção dualista e a instrumentalização do corpo são heranças da referida cultura. Na Idade Moderna, foi incluída, na concepção dualista, a mecanização do corpo, além da perspectiva anatomofisiológica (de fragmentação corporal), que propicia, mais à frente, a concepção de “corpo-máquina” (robotização do corpo). Essas concepções são recrudescidas pela visão cartesiana de corpo. Em síntese, o autor recorda que na Idade Moderna se inferiorizou, ainda mais, a concepção de corpo. Por último, o texto discute o dualismo corpo-alma sob o prisma da Igreja Cristã dos primeiros séculos.

Como uma intervenção, surge o *Capítulo 3 – A antropologia teológica no processo de santificação do corpo*,

que propõe um olhar teológico para a cultura do corpo fisicamente perfeito, opondo-se ao paradigma dualista de corpo. Nesta perspectiva, Sueitti (2016, p. 68-69) elucida: “[...] a narrativa bíblica veterotestamentária entende o corpo como sendo a totalidade do ser humano. Independentemente da forma em que o vaso foi moldado pelo Artífice, o importante é que todos estão postos para cumprir o propósito do Criador”. Mais à frente, Sueitti (2016, p. 71) cita uma instrução realizada pelo Apóstolo Paulo a Timóteo: “O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura (1Tm 4.8 – NVI)”. Sueitti (2016, p. 71) interpreta este aforismo da seguinte forma:

Essa declaração de Paulo é importante para entender que: a) apesar da declaração de que o exercício físico tem pouco proveito, isso não significa que não tenha nenhum proveito; b) o pouco proveito que o exercício físico fornece parece estar concentrado no aspecto da saúde do ser humano; c) a questão estética, o principal objetivo da cultura greco-romana, era o que Paulo aparentemente reprovava; d) portanto, Paulo é a favor da saúde, mas contra a estética, pois é nela que habita a concepção dualista entre corpo e alma.

A partir dessa reflexão, o Capítulo 3 discute o termo “soma” do ponto de vista da Antropologia Paulina; logo, avança para a ressurreição de Cristo, recordando a passagem bíblica de que *Jesus não tinha um corpo. Ele era um corpo*. Esta asserção é “[...] importante para enfraquecer o dualismo entre corpo e alma dentro de uma perspectiva cristã” (Sueitti, 2016, p. 80). A última parte do capítulo analisa o “Corpo como Templo do Espírito” (p. 81). Nesse entendimento, o “Corpo, além de caracterizar a totalidade do ser humano, também representa a morada de Deus” (p. 81).

A *Conclusão* sintetiza as principais discussões, tais como a utilização dos exercícios para um corpo-estético, o enfoque dualista de corpo ainda presente e a Antropologia Teológica como referencial imprescindível para a compreensão integral do ser humano, sendo esta uma via para transcender a necessidade do corpo fisicamente perfeito.

### **Posicionamento crítico e valoração global**

Um primeiro aspecto crítico sobre a obra refere-se à posição conceitual sobre os termos vigorexia e dismorfia muscular. No livro, eles são tratados de forma independente, como dois conceitos distintos, mas que podem se complementar. Não obstante, este entendimento conceitual pode não ser

a maneira mais adequada e acadêmica para a abordagem do tema, mesmo quando associado a outras áreas do saber.

Um ponto interessante e que contribui para os profissionais que lidam e que estudam o corpo foi a adoção e definição da expressão “cultura do corpo fisicamente perfeito”, que, segundo Sueitti (2016, p. 31), “[...] está restrita ao *universo fitness*, sendo esta caracterizada pela uniformidade dos corpos identificada através de um ‘corpo musculoso’”.

Na mesma linha de análise, Sampaio (2006, p. 65) alerta: “O discurso normativo de um corpo belo e perfeito, que exige uma silhueta pequena independentemente da diversidade corporal existente, torna-se uma espécie de religião”. E faz o seguinte adendo: “Na atual sociedade, percebe-se uma exigente ritualização de padronização para o corpo ativo em um modelo único e normativo disseminado pelas diversas mídias” (p. 67).

O contributo mais evidente da obra está na proposta de abandono da visão dualista de corpo, fruto da cultura greco-romana, para um caminho que considera a integralidade do ser humano. Isso se deu com base nos pressupostos da Antropologia Teológica, referencial utilizado por Sueitti (2016).

A transcendência, ou seja, a busca de superação não pode ser apenas sinônimo de melhoria de aspecto físico

e estético, da mesma forma que não pode ser considerada somente como evolução espiritual ou conhecimento religioso, seja ele qual for.

Cultuar o corpo exige o sentido de corporeidade, fato esse que supera as dicotomias e o isolamento dos valores de cultura *fitness*, estética, imagem corporal e culto ao corpo físico ou à massa corporal.

### Considerações finais

A presente resenha não teve por escopo esgotar as possibilidades de análise da obra em tela; ao contrário, ofereceu uma leitura particular das ideias apresentadas por Sueitti (2016), que analisou, sob o prisma da Antropologia Teológica, os problemas gerados pela cultura do corpo fisicamente perfeito, contextualizando a dismorfia muscular.

Em substância, pode-se constatar que uma das mensagens da obra é propor a superação do paradigma dual de corpo, ainda vigente na sociedade, para uma concepção de unidade do corpo, representando, inclusive, a morada de Deus.

À guisa de reflexão final, a interlocução entre um problema de transtorno de imagem corporal (com dependência de exercício físico resistido) e a Antropologia Teológica abre um leque de possibilidades para futuras pesquisas que busquem compreender, pelo viés da Teologia, a relação corpo/matéria-exercício físico-alma/espírito.

## Referências

- BOTELHO, Rafael Guimarães; OLIVEIRA, Cristina da Cruz de. Literaturas branca e cinzenta: uma revisão conceitual. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 44, n. 3, p. 501-513, set./dez. 2015. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1804/3251>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- MÁSCOLI, Sérgio. Prefácio. In: SUEITTI, Marco Antonio Guermandi. *O culto ao corpo: a antropologia teológica e a cultura fitness*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 15-16.
- MUSSKOPF, André S. Apresentação. In: SUEITTI, Marco Antonio Guermandi. *O culto ao corpo: a antropologia teológica e a cultura fitness*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 11-14.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Corpo ativo e religião. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas: Papyrus, 2006. p. 63-89.
- SUEITTI, Marco Antonio Guermandi. *O culto ao corpo: a antropologia teológica e a cultura fitness*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. ISBN 978-85-92509-33-0.
- SUEITTI, Marco Antonio Guermandi. *O culto ao corpo e os transtornos da imagem corporal: a antropologia teológica frente aos desafios da cultura do corpo fisicamente perfeito*. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

Resenha recebida em 29/04/2024 e aprovada para publicação em 09/07/2024